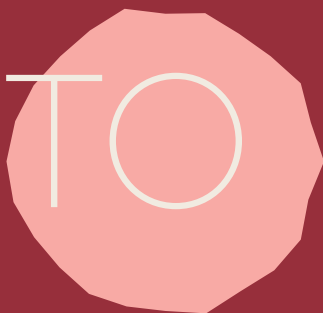




AFETO



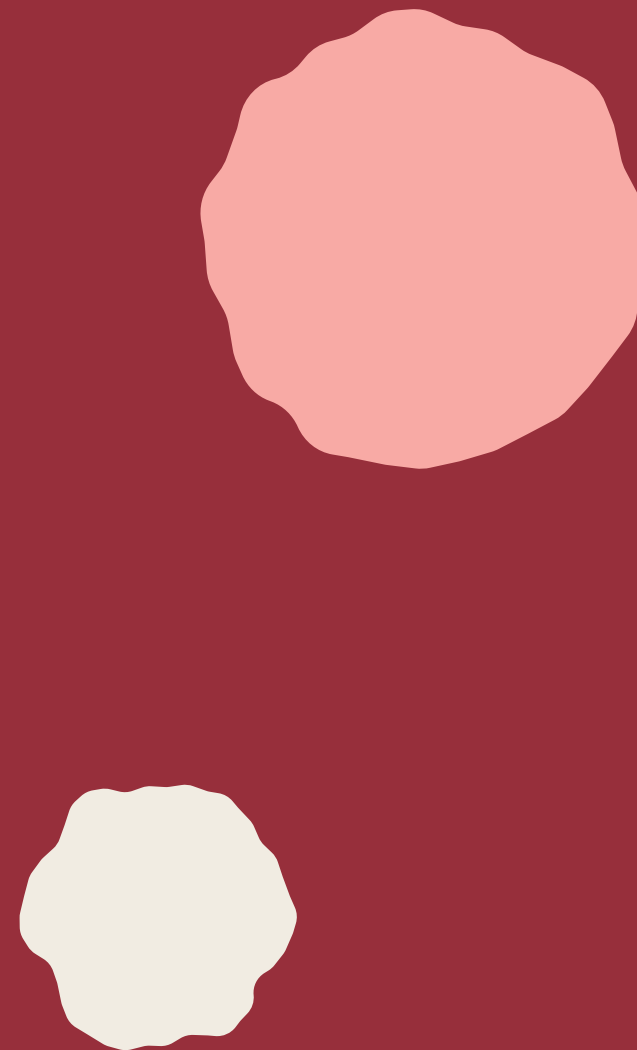
BIANCA VICTORINO

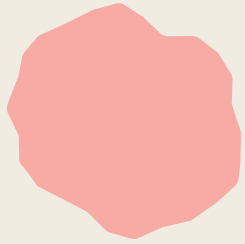
AFETO

A vida afetiva dá luz à existência humana.

Esse projeto nasceu para que mulheres LGBTQ+ tenham espaço para compartilhar histórias, descobertas e experiências.

Aqui estão reunidos os relatos de oito mulheres, compartilhados em conversas online - gravadas, transcritas e adaptadas - durante o ano de 2021. Todas as adaptações visaram garantir uma leitura fluida e alinhada ao projeto gráfico, mas sempre mantendo fidelidade aos relatos originais.





MINHA HISTÓRIA **6**

SAPATÃO **12**

MINHA VERDADE COM AMOR **16**

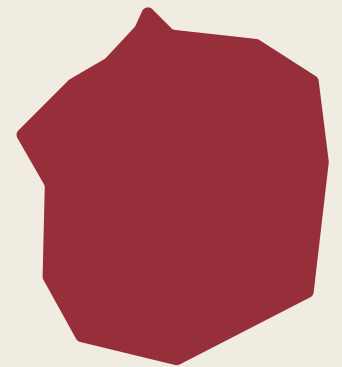
EU SEI QUE A GENTE NÃO É **22**

26 EU NÃO TÔ AQUI À TOA

32 MELHORES AMIGAS

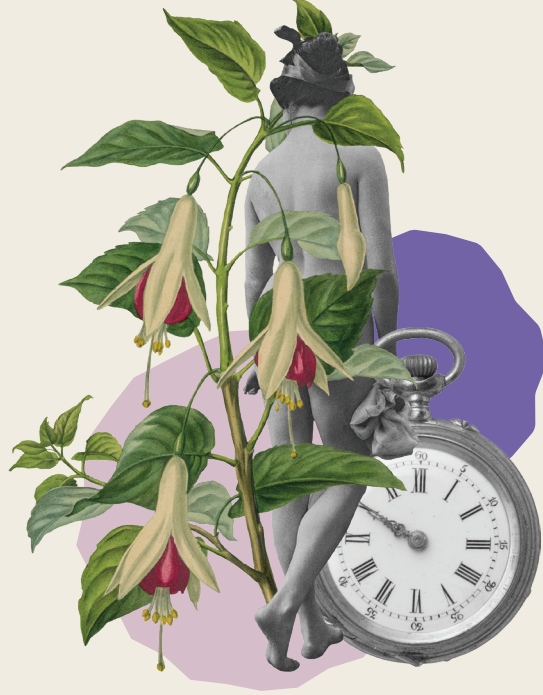
36 ELA JÁ SABIA

42 AMOR





MINHA HISTÓRIA



Esse é um assunto bem complexo pra mim. Hoje estou em um relacionamento com uma mulher, mas a minha sexualidade foi algo que deixei em segundo plano por muito tempo da minha vida. Sempre tive curiosidade, já tinha ficado com meninas mas sempre me envolvia em relacionamentos com homens e nunca dava certo. Eu percebia um padrão, quando chegava em um momento onde eu não conseguia mais me envolver, ficava pensando “Será que o problema sou eu?”.

Sempre me senti diferente em vários aspectos, nunca tive uma tribo. Me sentia um camaleão, convivia com pessoas muito diferentes, talvez tentando me encontrar dentro de uma caixinha que fosse confortável pra mim. Mas a grande verdade é que precisamos estar confortáveis com nós mesmos e eu projetava o que não estava bem aqui dentro, sentia que nunca cabia em lugar algum. Quando me permiti viver e aceitar a minha sexualidade, senti que finalmente tinha encontrado meu espaço e hoje sei quem eu sou e o lugar que posso ocupar.

8 Quando conheci a minha noiva e vi ela pela primeira vez, eu fiquei sem chão. Foi uma coisa do universo falando “Vamos pensar na sua sexualidade? Você passou quase 30 anos ignorando ela”. Eu me abri e foi um despertar muito bonito. Nessa época, eu estava em um relacionamento hétero que não estava indo bem, pensava que não podia jogar um “casamento” fora por uma loucura, mas e se não fosse loucura?

Ela morava em São Paulo, nos conhecemos lá. Chegou um momento onde eu não conseguia mais controlar, precisava viver aquilo e me descobrir, parar de ignorar essa parte da minha vida. E foi incrível, terminei meu relacionamento e comecei a me relacionar com ela.

Mas foi um longo processo, mesmo estando muito feliz eu pensava o que a sociedade iria dizer de mim, que aos 28 anos tinha saído do armário. E, principalmente, o que a minha família iria dizer?

Minha mãe projeta as coisas que ela sempre quis fazer em mim desde que sou criança, passei a vida inteira tentando fazer as coisas para ganhar a sua aprovação, mas nunca era boa o suficiente porque eu

não sou ela. Isso foi muito frustrante pra mim, nossa relação é a mais difícil que tenho na vida. Demorei para entender que somos diferentes, então ao mesmo tempo que descobri minha sexualidade eu rompi essa barreira de achar que precisava estar dentro de uma caixa.

Quando minha mãe soube, ela me perguntou “Como assim agora você escolheu ficar com meninas?” e eu falei que não é uma escolha, mas se fosse eu escolheria mesmo, é quem eu sou. Falei coisas que nunca tive coragem, foi libertador. Nossa relação mudou muito, senti que ela passou a aceitar mais quem eu sou na minha totalidade.

Eu contei primeiro pro meu pai, sabia que não ia ser fácil, apesar dele me amar e me acolher. Mas o que ele falou pra mim foi “Eu não vou perder a minha filha por causa de um preconceito”. Foi ele que contou pra minha mãe, ela me escreveu uma carta e falava como se eu tivesse morrido “Minha garotinha, minha menininha”. Falei pra ela que sou a mesma pessoa que ela havia criado, o fato da minha sexualidade ser diferente do que ela entendia não significava que eu mudei, o que mudaria talvez fosse a forma que ela me via, isso é algo que ela teria que aprender a lidar e não eu.

Depois disso não conversamos sobre isso. Mas ela se abriu, entendeu que pela primeira vez na vida eu estava muito bem resolvida e não precisava da aprovação dela. Entendeu que se ela não me apoiasse ou me respeitasse eu iria me afastar, e ela não queria me perder como filha, então acabou me aceitando.

Sempre fui muito ligada à minha família, ao mesmo tempo que estava muito segura e sabia que não precisava da aprovação deles, não queria que virassem as costas pra mim, sabia que seria emocionalmente difícil. Meu irmão mais velho foi a pessoa mais importante nesse processo todo, ele me apoiou muito.

Fora minha família, minha melhor amiga foi uma pessoa extremamente importante. Quando eu contei pra ela sobre estar apaixonada, ela me falou que já era tempo de eu me abrir pra isso.

Ela me ajudou no próprio processo do relacionamento, me disse que já tinha me visto em todo tipo de relação frustrada por que nunca tive coragem de falar o que eu sentia e queria, talvez por nem eu saber quem eu era, mas depois que eu tinha me aberto e me entendido como pessoa, era importante que eu comunicasse isso, porque acima de tudo eu tinha que me relacionar comigo mesma.

A sensação que eu tive quando vi minha noiva e ficamos pela primeira vez foi a de um *Tetris* - quando tudo se encaixa, a tela fica vazia e deu certo. Demorei alguns dias pra processar e entender o que estava sentindo, foi uma semana que fiquei pirada. Comecei a me abrir na terapia, a colocar pra fora e racionalizar esse processo. Por que eu estava com tanto medo? Acho que a maioria das pessoas são muito novas quando descobrem sua sexualidade e vivem esse processo ao longo dos anos, eu vivi ao longo de dois meses muito intensos.

10 Ao mesmo tempo que queria viver esse relacionamento, tinha que arrumar a minha casa, minha vida, meu corpo e minha cabeça. Ela foi muito parceira, teve paciência de entender o meu processo e me dar espaço para me reconhecer e sentir quem eu sou no mundo. Foi bem intenso, muito rápido num curto período de tempo, mas tinha que ser, demorou pra ser, não poderia estar mais pronta pra viver isso. A minha vida melhorou num modo geral, todos os âmbitos da minha vida estavam empacados e depois que consegui me abrir foi como se tudo fluísse ao meu favor. Nada foi fácil, mas tudo fluiu porque acho que consegui entender meu lugar no mundo, despertou potenciais em mim que nem eu sabia.

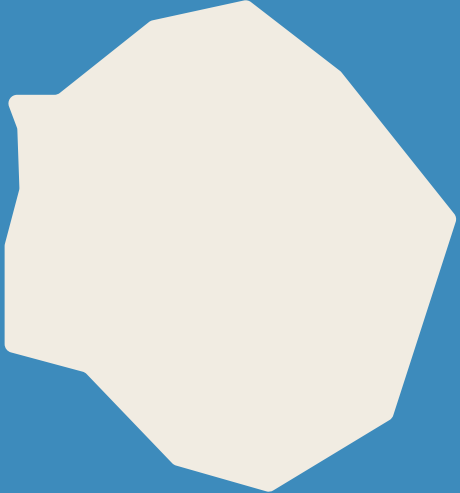
Pra mim, amar uma mulher foi me encontrar. Não no sentido de que ela é a metade da minha laranja, mas no sentido de que foi saber quem eu sou. O amor dela me permitiu ser eu na minha totalidade. Amar uma mulher é me encontrar de alguma forma, ela colocou a minha vida no avesso e eu descobri que o avesso era o lado certo. Tudo fez sentido e eu mudei muito, ao mesmo

tempo em que não mudei nada, continuei me vestindo como sempre e fazendo minhas doideiras no cabelo, mas me sentia muito diferente. A sensação que eu tinha era que eu era invisível e não me encaixava em lugar algum, um *Tetris* onde todas as peças são quadradas mas eu era redonda. Aí percebi que existe um *Tetris* pra coisas redondas também, enxerguei meu lugar no mundo.

Fico pensando em todos os meus 28 anos e na energia que eu gastava pra não pensar nisso e afundar no fundo da minha mente. A energia que gastava pra não ser quem eu era, e hoje essa energia consigo gastar com tantas outras coisas. A minha sexualidade teve um papel transformador na minha identidade. Se eu puder de alguma forma, com a minha história, ser luz na vida de alguém, ou ajudar quem está passando por esse momento, pra mim é gratificante. Por mais que eu tivesse pessoas LGBTQ+ ao meu redor, queria que em algum momento alguém falasse pra mim que estava tudo bem não me encaixar em lugar nenhum, eu só precisava encontrar o que eu queria e olhar pra dentro. E eu sempre tive muito medo de olhar pra dentro porque não queria encarar as minhas sombras e explorar a minha vulnerabilidade, quando eu entendi que ser vulnerável é ser humano, ficou tudo bem.

Eu aceitei a minha história. No início me julgava, pensava que estava descobrindo minha sexualidade com 28 anos. E está tudo bem, essa é a minha história! Quantas pessoas descobrem sua sexualidade aos 40, 50 anos? Isso reflete uma coisa da sociedade, hoje falamos muito mais sobre ser uma pessoa LGBTQ+, na minha infância e adolescência isso não era falado. O fato de eu ter me aceitado nessa idade reflete a minha criação, a comunidade que eu vivi e a minha família.

Às vezes penso que seria bom se eu tivesse me aberto antes, sinto que tô correndo contra o tempo, mas entendo que faz parte. Espero que as novas gerações não precisem passar por isso, que os assuntos de sexualidade, identidade e expressão de gênero se tornem uma conversa natural e seja mais simples para as pessoas entenderem.



SAPATÃO



Me entender como uma mulher lésbica começou complexo. Sempre percebi que eu era assim, tinham vários sinais que hoje, quando paro pra pensar na minha vida desde a infância, eu fico “*Entendi!*”. Acho que isso acontece com a maioria de nós.

Eu não gostava da palavra lésbica no início e falava para as pessoas que eu era gay, foi apenas depois que fui para a faculdade que comecei a me familiarizar um pouco mais com essa palavra e a conhecer outras pessoas que passavam pela mesma coisa e comecei a aceitar ela. Mas ainda achava o termo “sapatão” muito agressivo, só depois de um tempo refletindo que cheguei no auge do “*Sou sapatão*”, hoje posso dizer que me entendo dessa maneira. Esse termo tem um peso muito maior, muitas vezes ele é usado como ofensa, então a partir do momento que reivindicamos essa palavra e nos identificamos dessa forma, viramos um corpo político. Ser sapatão e caminhoneira é outra coisa, quando me identifiquei assim foi outra sensação.

14 Sobre ter tido uma aversão à palavra lésbica no começo, é aquela história de “*Tudo bem ser assim, mas não precisa ficar mostrando*”. Acho que é uma aversão à essência daquilo, sobre ser melhor ficar com uma palavra que nem é da nossa língua - gay - pois talvez seja um pouco menos agressiva. Foi um trabalho que precisei fazer dentro de mim mesma para compreender o que aquele termo significava e me desfazer dos meus próprios preconceitos, demorei muito para florescer essa parte dentro de mim.

Eu moro no interior de Minas Gerais. No interior as coisas são mais difíceis, a gente não tem nenhum tipo de representatividade em volta, ninguém conhece pessoas LGBTQ+ e todo mundo é muito conservador. Na escola eram todos iguais, eu fui levemente transgressora ao longo do ensino fundamental pois meu cabelo era mais curto. Tudo ser tão conservador e todos serem tão iguais, me impedia de aceitar minha sexualidade

SAPATÃO

e ter vontade de me expressar de uma forma que eu ainda não conhecia na época. Se você me falasse há uns anos atrás que eu iria cortar meu cabelo e usar roupas mais masculinas eu ia falar que você estava maluca, pois eu nunca via isso como uma possibilidade. Por isso tinha tanto receio em me assumir, tanto para mim mesma quanto para as pessoas. Ir para a faculdade foi um divisor de águas nesse sentido. Além de viver minha sexualidade pude experimentar na performance de gênero, que era uma coisa muito distante pra mim.

Demorei até o terceiro ano do curso para contar para a minha mãe, é bem recente. Foi difícil no início, na época que contei ela me disse que meu pai não poderia saber pois ele ficaria machucado, mas depois de alguns meses ela mesma contou pra ele. Ele disse que já sabia e me amava do mesmo jeito. Foram situações difíceis na época, mas hoje está tudo bem, não tenho problema que as pessoas saibam que sou assim. Falo para a minha mãe que ela pode contar para todos e que não tem problema nenhum.

Hoje minha namorada frequenta minha casa e eu frequento a dela, passou todo o drama. Foi difícil, eu me perguntava o que estava fazendo de tão errado para minha mãe me tratar daquele jeito. E o problema não era eu, era o preconceito dela. Ela precisou de um tempo para entender e perceber que eu continuava sendo a mesma pessoa e isso não mudava nada, era só uma micro característica minha.

A parte política é muito forte e presente ao amar uma mulher.

Sempre vai existir o medo da reprovação, o receio de estarmos juntas em público e a vontade de mostrarmos para as pessoas que existimos. É uma conexão muito mais forte do que um homem e uma mulher, que é mais convencional, não é um sentimento que eles precisam atravessar montanhas para isso acontecer. Nosso amor precisa lutar por sua existência, ele não só existe.

SAPATÃO

MINHA VERDADE COM AMOR



A maior parte da minha vida me identifiquei como lésbica. Analisando, acredito que sempre tenha sido bissexual, mas faz apenas alguns anos que me entendo assim. Sempre achei que era lésbica, sempre defendi e falei sobre isso, principalmente por ser uma mulher jovem, feminista e ter minhas questões com homens e as coisas que eles fazem. Foi difícil pra mim, pra eu me assumir lésbica foi um turbilhão e quando isso já estava calmo eu me descobri bissexual e tive que me assumir de novo pra todo mundo, então todas as pessoas que já me conheciam de um jeito tiveram que entender que eu tinha descoberto que, na verdade, sou de outro.

Hoje eu consigo perceber, e a terapia me ajudou no processo, que sempre fui uma pessoa bissexual com tendências afetivas pra mulheres. Tive muitos problemas com homens, então tenho uma dificuldade em me ligar afetivamente à eles, mas eu sempre achei meninos bonitos e meninas bonitas. Foram essas minhas questões com o machismo que fizeram eu me identificar de outra forma.

Eu tive pais separados e vi muitas coisas acontecendo, o relacionamento deles não era abusivo mas tiveram questões, minha mãe ficou grávida de mim com 16 anos, eles se separaram quando eu era muito nova e eu via ela sofrendo muito. Minha família é basicamente formada por mulheres e sempre vi todas elas em relações frustradas. Então sei que velei muito a minha bissexualidade e tive dificuldade em me aproximar e ter uma relação afetiva com homens pois não confiei neles a minha vida inteira.

Meu irmão mais novo é gay. Ele era uma criança viada, aquela que gostava de colocar sapato de salto alto, então minha mãe sempre soube pois não tinha como não saber. Ela sempre me perguntava “*Você é lésbica?*” e eu falava que não, primeiro porque quando era muito nova ainda não tinha me descoberto, e depois porque tinha medo. Não sabia como iria falar aquilo, apesar de ela ter aceitado meu irmão muito bem.

Nessa época eu estava super apaixonada e saindo com uma menina, parece que nesse momento você ganha força e fala “*Agora vai*”. Eu já estava mostrando alguns vídeos sobre o assunto e contextualizando tudo pra minha mãe, até que um dia ela estava saindo de casa e eu contei, ela disse que iríamos conversar depois mas eu imaginei que estaria tudo bem. No outro dia conversamos e foi o caos, ela falou que não aceitava, que meu irmão já era assim desde sempre e eu não, achou que era influência da cidade e dos meus amigos. Como eu sou a única filha mulher, ela tinha na cabeça que eu deveria ser uma projeção da vida que ela não teve, então ela queria que eu casasse, tivesse filhos, coisas que eu sempre deixei claro que nunca iria fazer, mas ela tinha expectativas.

O mais marcante pra mim foi o que aconteceu para eu decidir conversar com ela sobre a nossa relação. Durante um Natal alguns anos atrás, ela me falou algo homofóbico, eu já tinha me assumido nessa época e estávamos convivendo, mas sem conversar direito. Como sou muito intensa, nessa situação comecei a chorar, a surtar e decidi tomar remédios. Um irmão meu viu e todos ficaram preocupados. Foi nesse dia que minha mãe me agrediu, ela disse que eu não estava passando por nada disso, que estava exagerando e fazendo frescura. Por vários dias eu chorava o tempo inteiro e ficava muito estressada, por causa disso resolvi falar com ela sobre não conseguir viver naquela situação. Foi difícil, não queria cortar a relação com a minha família, mas também não merecia ser agredida fisicamente e verbalmente por amar mulheres. Todas as coisas que eu aprendi vieram por conta desse acontecimento, a pessoa que eu sou, que quer ser forte e não aceita desrespeito veio por esse momento.

Por isso fui pra terapia, tive muitos problemas psicológicos. Minha terapeuta me passava vários exercícios, ela falava comigo sobre o quanto eu era importante e como tinha que fazer coisas pra mim, sobre eu ser sincera com as pessoas e falar sobre a minha verdade

com amor. E se a pessoa não aceitasse, problema dela. Ela falava sobre me voltar para mim, mesmo que coisas ruins estivessem acontecendo externamente, pois eu sou a pessoa principal da minha vida. Nunca mais quero voltar a ser alguém que depende da aprovação dos outros para viver. As pessoas só precisam respeitar, e exigir respeito foi o que eu aprendi com essa experiência toda.

Eu sou uma pessoa muito família, sempre vivi para ajudar minha mãe e meus irmãos. Quando me assumi lésbica vi que eles não estavam pensando em mim como eu pensava neles, pois se fosse o contrário eu iria acolhê-los. Tenho isso muito forte depois dessa experiência, que é não deixar ninguém atrapalhar as minhas coisas, me desrespeitar ou me dizer o que fazer e quem eu sou. Eu sou a pessoa mais importante da minha vida e não vou abrir mão disso pra viver em função de nada e nem ninguém.

Apesar de ter tido essa relação com a minha mãe, não tenho mágoa nenhuma das coisas que aconteceram. Consigo entender que ela também estava passando pelo processo dela, ela teve uma filha muito nova e abdicou muitas coisas pra conseguir me dar educação. Ela tinha os problemas dela pra achar em algum momento que não fosse legal minha sexualidade. Mas desde que resolvi falar com ela com sinceridade, amor e força, respeitando a pessoa que ela era, ela me entendeu. Ela me inspira de várias formas, tenho certeza que sou a pessoa que sou hoje e tento fazer as coisas da melhor forma possível pois ela me educou para ser assim.

Ela é gentil, forte, consegue ser amável, educada e inteligente. Eu acho ela perfeita, mesmo com o que aconteceu, ela é uma inspiração pra mim e o tipo de pessoa que eu quero ser. Eu ainda tive a sorte de ter uma mãe que, pelo meu jeito afetuoso, me entendeu, mas tem pais que nem assim entendem. Hoje em dia imagino que não tinha como ela não me aceitar, ela sempre me educou com muito amor e me ensinou

a amar as pessoas, não consigo imaginar porque ela não aceitaria. Por isso entendo que no momento em que ela me ofendeu e não me aceitou era porque ela também estava passando por uma situação ruim. Consigo entender e respeitar pois foi o que ela me ensinou.

Hoje temos um relacionamento ótimo e ela entende a minha sexualidade. Fiquei com muito medo de me assumir bissexual, e pra minha surpresa foi tranquilo, como a gente já tinha passado por esse processo dela me entender e me respeitar antes, foi de boa com ela.

Mas não foi de boa com outras pessoas, tive poucos amigos que me apoiaram e falaram que estava tudo bem, a maioria falava que eu era lésbica. Passei por várias situações de bifobia, de pessoas falando que eu tinha mais privilégios por ser bissexual. Hoje sinto que de qualquer forma sou invisibilizada, pois estou em um relacionamento com um homem. Passei por várias coisas e o fato de estar namorando com ele não significa que eu não as tenha vivido, eu posso deixar de namorar amanhã e a minha sexualidade continua a mesma.

A relação com os amigos que me apoiaram foi essencial para eu passar esse momento que tive problemas com a minha família. Eles estavam comigo, me dando força e me ajudando. Todo mundo que passa por isso sabe o quão difícil e transformador é esse processo de se assumir. O ponto principal é você se entender, e é a parte mais difícil pois a sociedade inteira te fala que isso não é certo. Pra eu me entender e falar que sou lésbica ou bissexual era muito difícil, e como passamos por esse processo juntos eu nunca vou esquecer deles e eles nunca vão esquecer de mim.

Como passei por situações muito complicadas quando me assumi pela primeira vez, quando precisei me assumir bissexual eu falei *“Eu sou assim, me descobri assim e se amanhã quiser mudar e me entender de outra forma está tudo bem, as pessoas vão ter que me aceitar”*. Hoje em dia faço muita questão de falar isso em qualquer lugar e para qualquer pessoa.

EU SEI
QUE A
GENTE
NÃO É



Eu sempre ficava com alguns caras que achava muito bonitos, mas eles queriam fazer coisas que eu não queria. Um dia fui para uma festa e tinha uma garota lá, eu estava em outra cidade e longe da minha casa, então ninguém ia saber de nada, pedi pra ela ir no banheiro comigo e lá nos beijamos. Me senti muito mal, falei que isso era errado e saí. Isso se repetiu várias vezes, sempre pedia para as garotas irem pro banheiro comigo, não sei o que eu tinha, era uma questão de autoaceitação, a gente cresce com uma homofobia internalizada. Demorou pra primeira vez não ser no banheiro. Sinto muito pelas meninas que beijei, imagino o que elas podiam pensar, que eu tinha vergonha delas ou coisa do tipo, mas era algo muito meu. Eu me sentia muito acuada e com vergonha de me assumir para os meus amigos.

24

Um dia fui pra uma festa com umas amigas, fiquei com uma menina lá e “casei” com ela, depois disso nunca mais nos separamos, é minha namorada. Na época não ficava com ela na frente dos meus amigos porque não conseguia me assumir pra eles, demorei bastante até conseguir. Provavelmente poderia ter sido mais rápido se eu não tivesse certas vivências.

Durante meu ensino fundamental eu era muito amiga de umas garotas, até que nós mudamos de escola no ensino médio e quase todas elas beijaram meninas. Fui pra uma escola onde só focava em sobreviver, não pensava muito na vida, quando elas me contaram isso, no fundo pensei que poderia ter sido eu. Demorei um pouco para me aceitar por causa disso. Percebia sinais, pequenas coisas que quando você junta faz muito sentido, quando você pensa em algo tão profundamente que nem você consegue ouvir. Não lidava com isso, só tentava ignorar e achava que uma hora ia passar. Talvez pelo fato de ter muitas amigas héteros que faziam piadas de algumas coisas, eu me reafirmava hétero

EU SEI
QUE A
GENTE
NÃO
É

EU SEI
QUE A
GENTE
NÃO
É

o tempo todo pra comprovar alguma coisa pra alguém, que eu nem sei quem, era difícil. Quando me assumi, uma menina do ensino médio falou que sempre soube, é estranho, estava tão na cara e ninguém me falou. Algumas primas falaram que não parecia, não sei o que é parecer, quando você se assume as pessoas te dão rótulos que não são legais.

Quando você começa a assumir quem você é, você começa a perder as pessoas que não tem os mesmos valores, é bom porque você dá uma limpa na sua vida, mas é muito doloroso esse processo.

Quando falei pra minha mãe, ela achou que ia passar. Não passou. Demorei pra me assumir, mas hoje é de boa, minha namorada vem de Bauru e fica aqui em casa. Talvez seja tranquilo porque parecemos muito amigas, não ficamos muito próximas, não fazemos sinais de afeto, talvez porque eu tenha medo. Acho que é uma forma de autodefesa parecermos amigas, mas eu sei que a gente não é.

25

Ano passado, quando estava perto do meu aniversário, queria chamar ela pra vir pra cá e a casa surtou. Eu e meu irmão brigamos falando que não tinha nada a ver e que ela poderia vir, mas no final minha mãe brigou tanto comigo que desisti de chamar. Demorou um tempo, mas depois disso ela veio e eles a conheceram. Minha mãe tinha um pé atrás, ela perguntou pra uma amiga minha se ela achava que minha namorada gostava mesmo de mim. Ela tinha bastante receio ou talvez ciúmes, quando ela conheceu minha namorada melhorou, hoje está tudo bem. Meu pai tentava não falar na minha cara, mas minha mãe me contou que ele perguntava se era uma fase. É horrível ter que esconder isso, não queria esconder nada da minha família, por isso era tão ruim pra mim. Ter minha namorada aqui em casa é um privilégio muito grande, poder ser quem eu sou, não precisar esconder nada e fingir ser outra pessoa. É uma sensação libertadora.

EU
NÃO
TÔ
AQUI
À TOA



É complicado porque não tem uma chave de “*Agora entendo isso e antes não entendia*”, lembro de memórias da infância onde eu já entendia, mas não da mesma forma que hoje. Faz 6 ou 7 anos que consigo falar sobre isso para as pessoas mas falar pra mim mesma é um processo bem mais antigo, desde criança pensava sobre o que isso queria dizer, mas não sabia o que era. Pra mim era muito natural, achava que era uma questão de ter afeto por todas as pessoas, sem relação com o gênero. Quando entrei na adolescência que isso começou a ser um problema, ter o processo de me entender no sentido sexual e ter a pressão social das outras pessoas em relação a minha performance.

No ensino médio eu tive um pouco de trava com a questão do meu gênero, não queria me entender enquanto mulher. Não foi um processo do meu gênero em si, porque me reconheço como mulher, mas de não entender o que eu estava passando. Comecei a ler bastante sobre isso, o processo de se entender bissexual é um pouco complexo, tive que ler pra entender mais e comecei a conviver com pessoas assim.

Na república que moro eu conheci várias pessoas que se identificam dessa forma, começou a ficar mais claro onde eu estava e o que isso queria dizer pra mim como pessoa. Também comecei a me sentir um pouco mais livre pra falar sobre isso quando adquiri um pouco de maturidade financeira, saí de casa e me senti capaz de falar sem me reprimir ou me sentir culpada, sem ter o risco de perder minha mãe, minha casa e minhas coisas.

Comecei a entender o que era enquanto nome e posicionamento social e a enxergar as relações do mesmo sexo como uma questão afetiva. Por conta de toda a bagagem de preconceitos que criamos desde a infância em relação a isso, antes eu achava que relações com o mesmo sexo eram promíscuas, eu tinha relações que eram triviais. Depois da faculdade comecei a aceitar que eu podia me relacionar romanticamente e que isso não era errado. Nesse sentido, foi um processo legal com os

EU NÃO TÔ
AQUI À TOA

meus amigos, de poder ter o acolhimento de pessoas que me entendem e querem conversar sobre esse assunto sem medo. Tinha muita necessidade de falar sobre isso quando era adolescente e o máximo que fazia era estudar na internet, me fez muita falta ter um grupo de amigos que fossem também.

Tem pessoas que são muito corajosas desde cedo. Quando falavam da minha sexualidade eu não aceitava, não queria que fosse verdade. Acho que isso é o pior do processo, quando você não quer assumir pra si mesma.

O mais importante pra mim foi falar para a minha mãe. Foi o mais difícil, não sabia como era ou por onde começar, só senti essa capacidade quando tinha maturidade. Ela não recebeu muito bem de início, por uma questão de medo da sociedade e de eu ser julgada ou passar por problemas. Mas aos poucos essa conversa se naturalizou e não virou um trauma pra mim, sou coberta de privilégios de poder estar em uma família que me ama.

A primeira reação dela foi perguntar por que eu era assim, é uma pergunta que nem a gente sabe responder. Eu disse que não estava fazendo nada de errado, que era uma coisa natural e que outras pessoas passam por isso. Minha mãe também tem algumas questões com a própria sexualidade, ela passou muitos anos da vida sem sentir atração física por outras pessoas. Conversamos sobre isso, falei que ela podia ter se casado por uma heterossexualidade compulsória e o que isso significava, incitei um pouco de conversa pra ela entender que a gente vive num espectro e qualquer pessoa pode sentir atração por mais de um gênero, isso não é uma questão da sexualidade em si.

Eu já era bem adulta, já sabia como e o que falar. Se eu tivesse feito isso na adolescência, tenho certeza que não teria saído da mesma forma e teria me sentido muito mais insegura. Acho que temos que ter um amadurecimento dessa ideia, nos sentirmos um pouco mais prontos pra não ser algo pesado e tentar ter empatia pela outra pessoa.

EU NÃO TÔ
AQUI À TOA

Foi o momento que me senti mais pronta mas nunca me senti pronta de verdade. Falei pra ela que não me identificava como uma pessoa heterossexual, não consegui falar a palavra bissexual porque era complexa demais, e ela me perguntou se isso queria dizer que eu ficaria bem, foi uma reação de preocupação. Por mais que não fosse natural pra ela, ela buscou entender, é o processo mais incrível que as mães podem fazer, de se colocar no lugar do filho e querer saber por que isso é importante pra ele, como ela pode ajudar, respeitar e não agredi-lo com suas inseguranças.

Chorei, não dá pra não chorar, e agradei a ela por estar me ouvindo, me aceitando e tentando me entender. Ela falou que não sabia se conseguiria entender de cara e talvez precisássemos falar disso outro dia, eu disse que teríamos tempo pra passar por isso. Eu tenho uma mãe feminista, até por isso foi possível pra ela entender o LGBTQ+, as mulheres já estão em uma posição de enfrentamento e quando elas veem outras lutas conseguem entender um pouco mais. Não é toda mulher, mas ser uma mulher já nos possibilita a entender outras causas.

Eu me sentia uma pessoa muito mais feia, desengonçada, sem espaço no mundo porque não sabia quem era e o que tinha de errado comigo, sempre nesse sentido de buscar alguma coisa errada. Quando entendi que não é errado, estranho ou incomum e abracei isso, me senti muito melhor comigo mesma. Liberdade tem a ver com olhar pra realidade e se ver dentro dela, mas não presa, amarrada ou impossibilitada, eu senti muitas possibilidades se abrindo pra mim.

Você pode conversar com quem quiser, pode ir ao lugar que quiser, as pessoas não vão gostar de você e não é só por isso, foi uma coisa legal de entender. Antes de eu aceitar pra mim mesma achava que tudo era por isso, que alguém não gostava de mim por causa disso, me sentia como uma pessoa incompleta. Depois, comecei a ter defeitos, qualidades e porquês, expliquei várias coisas pra mim mesma, me senti mais livre de amarras

EU NÃO TÔ
AQUI À TOA

sociais. Comecei a gerar minha própria opinião sobre mim. Minha vida não é um fracasso por causa disso, minha vida é boa por causa disso, posso conhecer uma mulher incrível, casar com ela e isso não vai fazer de mim uma pessoa menos feliz. Comecei a ver possibilidades, antes tudo que envolvia isso era uma amarra.

Pra mim, a principal diferença na relação com homens e mulheres é ter alguém que me entende melhor. A mulher sempre vai me entender melhor, então essa troca talvez seja um pouco mais profunda. As mulheres aprendem desde pequenas a serem livres, a amar e não terem medo de dizer “*Eu te amo*”, é muito bom estar com alguém que aprendeu a ser livre pro afeto. Não tem um padrão, o hétero foi construído com várias histórias e filmes, então já existe um imaginário do que vai acontecer, quando eu me relaciono com uma mulher consigo ver isso de uma forma mais fluida, não tem um roteiro, nem uma forma correta ou errada de agir.

Meu pai faleceu recentemente e não cheguei a falar pra ele, me machuca pensar que não conseguimos adquirir maturidade pra chegar nesse ponto. Estou me reconectando com muitas coisas em relação a isso, foi muito importante pro meu desenvolvimento a noção que ele criou em mim de que eu sou importante. Ele sempre me falava isso, me gerou autoestima pra ter coragem de lidar com situações que achava impossíveis e construiu essa questão de que é importante o que eu tenho pra dizer e as pessoas precisam me respeitar por que eu tenho direito de viver isso. Tenho o direito de ir além com o que eu estou vivendo e experimentando. Isso me fez ser uma pessoa melhor em muitos aspectos pois eu sentia que merecia espaço nos lugares. Ele me ensinou muito sobre a descoberta de mim mesma, tem muitas vezes que achamos que somos insignificantes e ninguém nos fala que somos importante, mas quando conseguimos falar isso pra nós mesmas, conseguimos avançar nas coisas.

Eu tenho importância, eu tenho valor, eu não tô aqui à toa.

EU NÃO TÔ
AQUI À TOA

MELHORES AMIGAS



Antes eu achava que era bissexual. Teve uma festa que fiquei com um menino, não era ruim, mas enquanto estava beijando ele, na minha cabeça passava a imagem de uma câmera nos filmando e eu estava de olhos abertos pensando “*O que estou fazendo aqui?*”. Inventei uma desculpa para sair de perto e fui com uma amiga pro banheiro, comecei a chorar e falar “*Acho que sou lésbica*”.

Na escola não me interessava por ninguém, achava os meninos idiotas e nem gostava de ser muito amiga deles, sempre me senti muito mais confortável perto de outras meninas. Achava que era normal não me interessar por ninguém e não me forçava a nada porque eu odiava todos os meninos. Não me achava diferente, pensava que era só um momento. Foi no colegial que comecei a assistir séries e ver casais LGBTQ+ com uma boa representatividade, ver isso e me identificar acho que foi o que fez eu começar a olhar aquelas pessoas e pensar “*Será que posso viver isso também?*”. Pra mim foi fácil me aceitar, foi até uma explicação pra minha vida inteira.

34

Pra minhas amigas foi natural comentar, todo mundo sempre foi super de boa, não foi algo difícil ou que fiquei nervosa, na faculdade nem precisei falar nada. Acho que a família importa, mas os amigos importam mais. Pra minha família não me importo de não contar sobre minha vida, mas meus amigos têm que me ouvir, então eles precisam saber. O principal é ter alguém que me apoia e que eu possa apoiar a pessoa, que a gente possa sempre conversar sobre coisas da nossa vida ou estar presente no dia a dia. Pra mim, em um relacionamento no geral, o importante é quando tenho alguém que posso contar.

Contar pros meus pais foi um surto onde falei que era bi. Falei pra minha mãe e foi difícil pra ela digerir. Ao longo dos anos a gente não fala sobre, mas teve momentos que brigamos por

causa disso, dela achar que sou influenciada pelas outras pessoas ou que é culpada de algo. Já falei pra ela que não tem nada a ver, que essa sou eu. Hoje em dia não falamos mais, desde que a gente não esteja discutindo, está ótimo.

Pros meus irmãos foi mais de boa, eles não ligam muito. Pra minha irmã eu só falei que estava gostando de uma pessoa, não falei “*Eu sou tal coisa*”. Estava planejando na minha cabeça que precisava muito falar com alguém, fiquei dias pensando, até uma noite em que ela foi me buscar na faculdade e eu contei que conheci uma pessoa e iria sair com ela. Foi numa boa. Durante um tempo foi um pouco desconfortável, as duas ficavam meio nervosas de falar sobre isso e na época ela não me contava muito sobre a vida dela, mas agora me sinto muito melhor de compartilhar as coisas com ela.

35

Somos muito próximas, ela me dá bons conselhos e é bom ter ela por perto pra me ouvir, somos melhores amigas. Quando ela não está trabalhando ou ocupada nós estamos juntas, fazendo comida ou assistindo um filme, qualquer coisa, o tempo todo estamos juntas. Como eu não posso contar nada pra minha mãe, às vezes tô mal e falo pra ela que algo aconteceu, ela sempre tem um conselho que melhora. Ela é muito meu exemplo do que eu quero ser, de certa forma ter ela pra me inspirar e me ajudar é muito bom. Uma vez ela estava voltando de São Paulo e fui com a minha mãe buscar ela na rodoviária, não lembro porquê, mas eu e minha mãe começamos a discutir no carro, não faço ideia de como chegou nesse assunto - de discutirmos sobre eu ser lésbica. Eu estava bem triste e chorando, quando minha irmã entrou no carro ela perguntou o que estava acontecendo e eu e minha mãe falamos um monte. Ela deu uma super bronca na minha mãe e falou tudo o que eu queria falar, ela realmente estava ali por mim e pra me defender. Foi muito importante pra mim.



ELA JÁ
SABIA



Eu vim de uma cidade do interior, só descobri que meninas podiam ficar com outras meninas quando estava no ensino médio. Foi totalmente um choque pra mim, sempre aprendi que tinha que gostar de garotos, até tive relacionamentos mesmo não sentindo muita atração.

Em 2018, por um tempo, falei que era bi, mas achava que não era aquilo, que eu estava tentando usar o bi para talvez não deixar uma coisa tão explícita em mim, por ter vergonha de falar que gosto só de mulheres. Achava que se eu fosse bi teria uma parte minha que seria mais aceitável para as outras pessoas. Mas não estava me sentindo bem, não estava feliz com isso e decidi falar que sou sapatão, quando disse isso foram os anos mais felizes da minha vida. Uma amiga me disse que desde que me assumi eu estava muito mais feliz e mais confortável comigo mesma.

Foi um processo tumultuoso pra mim na questão do exterior, do que as pessoas viam de mim. Quando me entendi como lésbica eu queria performar o que eu entendia de mulher lésbica, queria ter cabelo curto e usar roupas que eram ditas como mais masculinas. Me comportava de um jeito que eu pensava que as pessoas iriam olhar para mim e dizer que eu era sapatão, queria ser vista e entendida. Não odeio essa parte do que eu vivi, mas hoje sinto que não era eu, que eu estava performando uma coisa que não era do meu agrado, do estilo de cabelo ou de roupa, não era o que eu queria. Cresci pensando que gosto de coisas bem femininas, como as pessoas falam, de passar maquiagem e ter cabelo longo. Hoje entendo que isso não faz diferença nenhuma na minha sexualidade, mas demorei muito tempo pra entender isso.

Teve o momento que compartilhei com a minha família, minha avó e minha mãe, e quando isso aconteceu eu meio que fui tirada do armário.

ELA JÁ
SABIA

Minha avó percebeu que eu estava meio chateada, tinha levado um pé na bunda naquela época e falava que estava triste porque uma pessoa tinha me dispensado, ela ligou os pontos e percebeu que essa pessoa era uma menina. Assim, ela descobriu e contou pra minha mãe, e apesar da minha mãe ser uma pessoa bem nova, ela reagiu muito mal. Ela não foi tão má, mas não concordou, não apoiou, falou que era uma fase e que eu não tinha conhecido o cara certo, que Deus não aprova isso. Eu disse pra ela que sentia muito, mas era assim que era e assim que ia ser, não ia mudar, é assim que eu sou. A minha avó por outro lado aceitou muito bem, fiquei surpresa com isso porque ela é uma pessoa de mais idade. Ela me acolheu muito bem, me apoiava e conversava sobre isso comigo, ela sempre foi meu porto seguro sobre essas questões, sempre pude ser muito aberta com ela pra falar sobre essas coisas. Ela era a pessoa que eu apresentava meninas e sempre perguntava o que ela achava.

Eu fui criada na casa dela, cresci com ela sempre estando ali pra mim. Ela pode não entender certas coisas, mas sempre vai me ouvir e estar disposta a me escutar e tentar me entender. Sinto que ela é uma das únicas pessoas que eu consigo conversar da minha família de fato, ela confia em mim e eu confio nela.

Às vezes estamos dentro de uma família onde pensamos que temos que confiar e amar todo mundo, mas pra mim não é assim, uma relação familiar precisa ter troca. E eu sinto essa troca muito presente com ela. Na minha família tem essa questão de “*mãe que cria e sabe o que tem que fazer*”, então no começo minha avó não entrevistou nesse assunto, mas eu sinto que de um tempo pra cá ela vem conversando muito com a minha mãe, com certeza ela deve ter falado sobre eu estar mais feliz. Eu esperava tanto que minha mãe fosse ser mais

ELA JÁ
SABIA

compreensiva e foi totalmente o contrário, a minha avó foi muito mais compreensiva e minha mãe foi muito cabeça fechada. Ela não estava aberta a discutir e falar sobre isso, já a minha avó estava totalmente disposta, parecia que ela já sabia. Eu sinto que ela já sabia.

Como eu vivi muito mais tempo com ela do que com a minha mãe, sinto que não foi um choque e ela conseguiu lidar com essa situação com mais naturalidade.

Quando eu me assumi eu meio que extrapolei, vestia as roupas que queria, brigava e sabia que algumas pessoas da família não estavam gostando mas ia fazer mesmo assim. Fui aquela adolescente rebelde que quer colocar na cabeça dos pais que o que ela faz está certo, sinto que errei um pouco em forçar essa situação. No começo falaram que era só uma fase e ia passar, quando eles perceberam que haviam passado anos da minha vida e eu não tinha mudado, aí viram que era diferente e tinham que aprender a lidar com isso e conversar comigo do jeito que eu sou. Hoje a aceitação é muito boa, não falo sobre isso muito abertamente porque não me sinto confortável, mas sei que sou bem-vinda e qualquer mulher que eu levar para casa vai ser também.

Quando me mudei para Bauru, me permiti abrir mais espaço para as coisas que eu gosto. Conheci pessoas diferentes e mulheres LGBTQ+ que estavam fora do meu ciclo social, pude ver elas e entender que existe uma pluralidade de mulheres, que todas são de um jeito diferente e nenhuma precisa performar dentro de um padrão. Aos poucos fui inserindo na minha vida as coisas que eu gosto - roupas, maquiagens, estilo de cabelo - e fui achando um espacinho que eu gosto. No momento que entrei na faculdade, que olhei para as pessoas ao meu entorno e para as pessoas que moram comigo, pensei que não ia mais precisar ficar escondendo quem eu sou, não

ELA JÁ
SABIA

ia precisar me moldar ou tentar me deixar o menos gay possível.

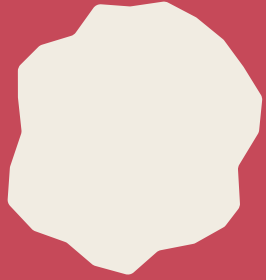
Na casa dos meus avós eu sou muito bem aceita mas tem coisas que prefiro não fazer, músicas que não escuto lá, coisas que não assisto e não falo. E aqui eu não ligo pra quem vai estar do meu lado ouvindo ou assistindo qualquer coisa.

Eu moro numa casa com sete pessoas e todo mundo têm seus pézinhos dentro do LGBTQ+. Somos super amigos, sempre conversamos e debatemos sobre assuntos de sexualidade e gênero. Antes, eu tinha um conhecimento sobre o que era ser LGBTQ+ e depois que vim para cá tive outras descobertas, outras visões e aprendi muito. Estava vivendo uma fase muito difícil antes de chegar em Bauru, então quando eu pude vir para cá foi um alívio tão grande ter essas pessoas do meu lado. Pessoas que me entendem, compartilham as dores, as alegrias e até a forma de falar.

Quando começou a pandemia, ficávamos juntos em casa desde a hora de acordar até a hora de dormir, nos tornamos muito mais próximos. Nessa época eu estava tendo algumas dúvidas sobre se eu era realmente lésbica ou bissexual, acho que é sempre bom refletirmos a nossa sexualidade, uma das coisas que aprendi com eles é que sexualidade é uma coisa bem fluida. Estamos sempre nos questionando e tentando entender que nossos gostos podem ou não mudar. Quando entendi isso, passei a analisar algumas questões internas e perceber melhor quem eu sou, tive um novo processo de questionar a minha sexualidade, é como se fossem várias metamorfoses.

Com essas análises entendi que realmente sou sapatão, mas foi muito bom ter passado de novo por isso porque eu me reafirmei, me encontrei num novo lugar onde realmente tenho mais certeza e sinto uma firmeza maior.

ELA JÁ
SABIA



AMOR



Eu cresci em um ambiente evangélico, esse ambiente em si é muito pautado em uma ideia de segregação: você é a luz e o céu do mundo, então você é mais especial em algum nível por estar ali. Quando eu era menor, eu era a única evangélica da turma, então pra mim isso já era uma coisa diferente, ainda mais pelo fato de que eu sempre levei a religião bastante a sério.

Em alguns aspectos, eu tive sorte de ter uma família tranquila, muita gente relaciona gostos de criança com sexualidade e com isso nunca tive problemas, eu tinha uma base familiar que estava tranquila com os meus gostos. Na sociedade isso começou a ser batido, só que eu não olhava como um problema em si, nunca foi uma dor como pra algumas pessoas que eu conheço foram. Como eu era uma cristã bem praticante, não passava pela cabeça das pessoas a possibilidade de eu gostar de meninas.

Lidar comigo mesma foi bem difícil. Para mim, a minha sexualidade era muito errado, um grande pecado, foi um período que eu entrei em depressão. O que me ajudou nesse processo inteiro foi ter estudado sobre, muitas pessoas saem do armário tendo experiências, eu saí estudando, lendo e pesquisando um monte de coisa, foi difícil lidar internamente, minha família foi um ponto bem complicado, mas minha maior inimiga era eu mesma.

Eu vim de uma família evangélica, as pregações no geral tendem a colocar a sexualidade como uma identificação do mal e isso não é uma coisa discutida. Desde pequena fui colocada à essas falas, por isso foi conflitante comigo mesma, eu levava tudo aquilo muito a sério. Era muito sincero e muito real, então achava que eu estava fazendo uma coisa horrível.

Comecei a perceber que minha sexualidade era algo que não condizia com o que eu ouvia na igreja. Eu ouvia as pregações e pensava que ia me libertar, que o demônio estava me tentando, mas quando eu comecei a me envolver com uma menina pela

primeira vez no ensino médio, eu vi que tinha alguma coisa que não fazia sentido, porque aquele era um sentimento muito puro. Depois dessas experiências consegui perceber que tinha alguma coisa errada, viver aquilo era algo que me deixava mais feliz, a infelicidade vinha apenas pela culpa de estar sentindo.

A tristeza e toda a dor eram geradas pelo externo, mas eu só fui perceber isso depois, foi quando comecei a estudar.

Todo esse processo, principalmente no começo, foi muito regado de coração, lembro de todas as vezes que eu ajoelhava e orava, pedindo pra Deus me guiar sobre aquele caminho, porque eu queria saber o que estava acontecendo. Tive contato com muito conteúdo e percebi que muitas pessoas no meio, principalmente evangélico, gostavam de discutir sobre o assunto sem saber do que estavam falando, era uma estrutura de preconceito real. Então comecei a dar mais razão para os meus sentimentos e a me permitir viver aquilo um pouco mais.

Foi quando comecei a ter contato com o outro lado da moeda, consegui perceber que o que eu sentia fazia mais lógica. Tinha passado por todo o caos da igreja para então pensar “*Hoje eu amo e não é um mal*”. Naquele momento eu estava passando por várias tensões na família, um dia minha mãe me perguntou o que eu sentia por mulheres, fiquei um tempão calada, travada, e depois falei o que era: amor.

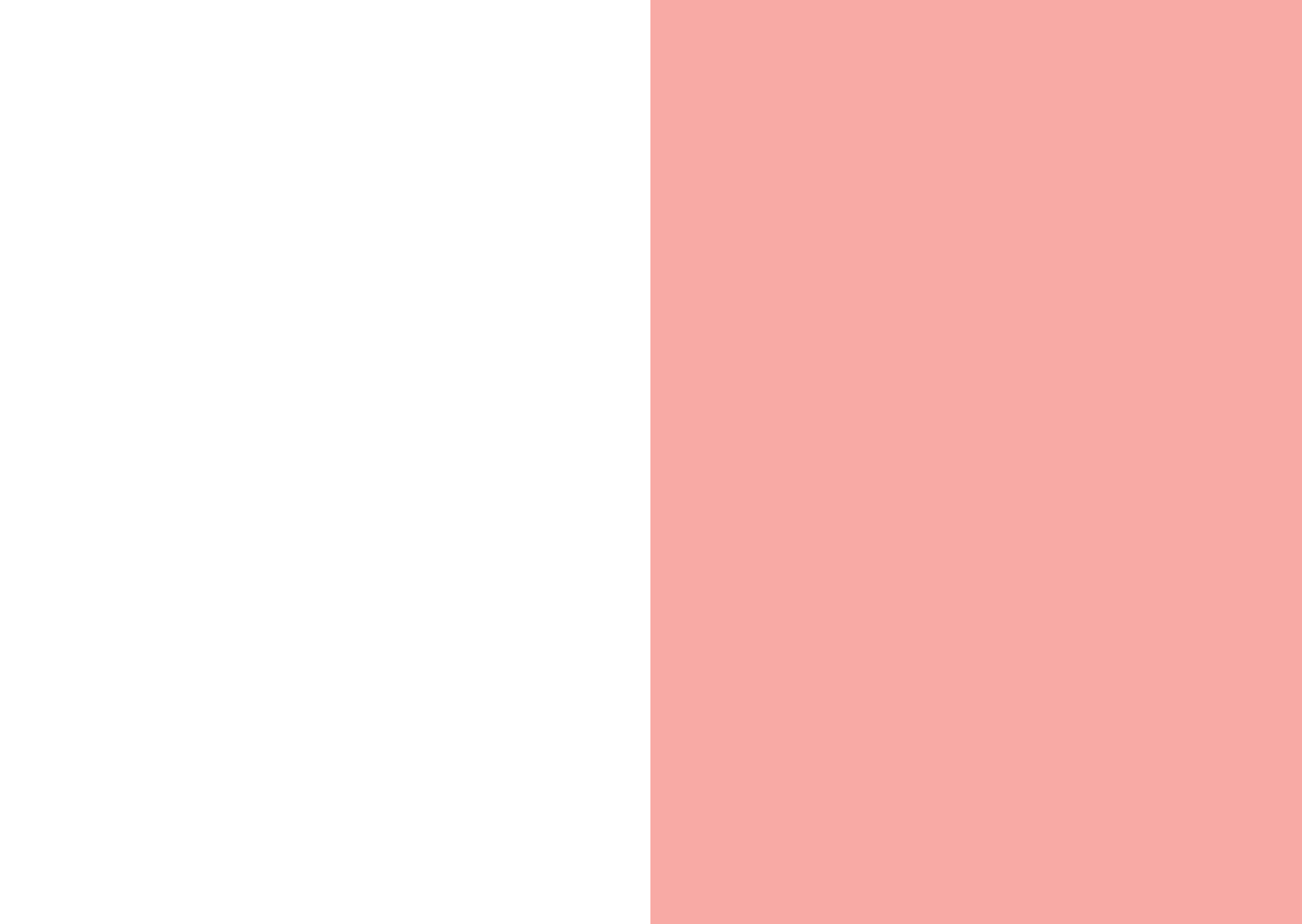
Se eu não tivesse passado pelo processo de compreender dentro de mim mesma o que aquilo significava, eu estaria até hoje me culpando por ter esse sentimento. Amar uma mulher é uma coisa linda. Pra mim é mágico, aprendi a ver muita beleza nisso. Também tem o lado político, nós somos mulheres que foram invisibilizadas durante séculos. É poder achar esse caminho lindo e ainda lutar a partir dele. E toda vez que eu estiver com uma mulher eu vou estar existindo, nós podemos existir, podemos estar nesse mundo e nessa realidade e não vai ter ninguém pra falar que respeita, mas não nos aceita.

Bianca Victorino

2022

Trabalho de conclusão de curso

Unesp - Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho"



DESCOBERTAS
VIVÊNCIAS
AFETIVIDADE